

“Os burrinhos sabem ir, qual a qual, sem conversa, sem perguntas, cada um no seu lugar, devagar, por todos os séculos e seculórios, mansamente, amém.” Guimarães Rosa.

Alguém gritou quando me viu chegando na sedinha: “Tiiiiiii, é a festa da Velha Guarda.”

Pois bem, pensei eu, nem demorou mas o dia chegou: parece que sou uma representante da “velha guarda” do Grupo Cupuaçu.

A Burrinha, tanto tempo encostada e empoeirada, me olhava de soslaio de quando em quando. Certo seria eu entrega-la para alguém dançar, ao longo dos anos, das festas e das apresentações que não vou. É uma manifestação de pouca generosidade de minha parte: tenho um ciúmes de outro mundo da Burrinha. Nunca senti isso por gente alguma, mas da Burra, Ave Maria, é muito! Eu pensava sempre na feiura de deixar esse bicho bonito aí sem dançar. Tião me contou de roupas brincantes penduradas e expostas como enfeites, uma ação de quem não entende de brincadeira nem de comunidade. Assim que é triste, para mim mesma e para a Burra, esse meu apego. Explico que tenho medo que judiem do boneco. Certa feita ensaiei empresta-la para uma amiga-irmã. Ela tem cara de montadora de burra, certamente saberia conduzi-la com mais graça do que eu. Mas fiz tantas recomendações e senões que ela, parece, desistiu da empreita. Fato é que minha Burrinha tem sido uma senhora professora ao longo dos tempos e eu admito essa limitação: é minha a Burrinha. Dei-lhe até nome.

Chama-se “Coluna do Meio”. Entendedores entenderão. É a cara dela. Penso em diferentes momentos no meu amigo especialista da artesanaria, o mesmo que me ajudou a embalar e embarcar a sua carcaça no Maranhão, com tanto cuidado. Temos uma coisa compartilhada que atravessa os tempos, que se materializa no bicho. “Você olha a Burrinha e ajeita ela?” eu pedia. “Sim claro”, ele respondia disponível. Mas por minha responsabilidade, o dia não chegava. Um movimento lento de fazer dó em qualquer bicho dançante. E a Burrinha lá, resignada. Eu e ela com saudades de tempos brincantes. Pegando poeira no parado.

De repente, de supetão, decido eu mesmo arruma-la. Morte do Boi vou dançar, considere mais uma vez, sem muita convicção. Ensaiei os passos de um velho movimento conhecido: recolher materiais, me debatendo entre tecidos, fitas, linhas, elásticos e agulhas. A minha Burrinha é montada por uma mulher de saias. “Sua

saia rodava e toda a roda preenchia” me contou uma vez a amiga que viu uma burra em um samba de roda no mangue de Acupe. Não tem nada que ver com as origens maranhenses, onde as mulheres se vestem mesmo é de leais vaqueiras. Mantive o chapéu ao longo dos anos, ótimo recurso para esconder o rosto. Não é bonito que as pessoas vejam o transe em que me encontro quando conduzo minha Burrinha. Nunca fico bem composta em cima dela, mas a boniteza não deve ser eu, mas ela mesma. Eu vou ter mesmo é cara de vaqueira que atravessa sertão. Desta feita não encontro o chapéu, nem dá tempo. Decido por fitas no cabelo, as mesmas que penduro em seu rabo. Não é uma boa solução, a exposição. “A Burrinha aparece montada, sendo ela a personagem principal, e não quem a leva”, escrevi na tese.

Foi no trabalho de trocar suas fitas que comecei a chorar. A saudade e a memória. São acionadas pelo corpo, no contato com a matéria. Essa Burrinha sempre foi a minha melhor expressão: alegre, faceira, brincalhona. Atando os laços, quanta saudades de nem sei. Vi a madeira costurada: é a carcaça. Uma oficina na Madre Deus. Quando me esgueirei por aquela porta, entendi de supetão aquele livro, a “Fé do Sapateiro”. “Uma oportunidade inenarrável de conhecer homem trabalhador por devoção, pois Deus lhe deu um talento de mãos com que ganha a vida, e ele retribui espalhando esses bichos transformados em encantaria estrada afora, seu nome fazendo jus à dedicação de seu trabalho: Paixão”, escrevi lá atrás. Seu Paixão colocou em minhas mãos a carcaça de uma Burra, em presente para enfeitar o lado de cá. E a minha vida mudou. Celso e sua família admiraram o trabalho comigo, embalamos juntos tudo em muita segurança para o avião. Não esqueço o desalento de me separar dela, de São Luís e de tudo daqueles dias. EE, vida difícil esse caminhar. Ouvi um tanto de história de burrinha. Ela nem existia e eu já estava apegada, aprendendo com ela.

Chega uma Burra em São Paulo, direto para a oficina de Peixinho. A costura que ele fez foi empenhada com a memória das burras de sua infância. Martelar, serrar, costurar. Naquele ritmo, já começou sua dança. “O homem que trabalha com tal paciência é sustentado, ao mesmo tempo, por uma recordação e uma esperança” escreveu Bachelard, e eu lembrei de Peixinho fechando um olho para medir melhor. Hoje, surpresa, eu constato que ninguém usou um pingão de cola nesse bicho. Não é possível! Mas é isso mesmo, está tudo costurado, inclusive a madeira. Encontrei um parafuso que foi entalhado na mão e prende suas orelhas ao corpo. Olha, debatemos muito a qualidade do tecido e Peixinho não deixou eu fazer nada do que eu queria. Sempre fui obediente. Toda em flor, a Burrinha chegou.

O mundo ficou mais bonito, é certo.

O tempo passou e não passou quando desço a rua na Praça da Árvore. Tenho mil senões. O primeiro é que já não sei se consigo galopar por horas a fio como costumava antigamente. Encontrei minha melhor amiga da "velha guarda", ela dançou mais cedo e falou que a pegada foi forte, que já não é mais a mesma, que a pressão baixou, que a perna bambeou.

Vixe, pensei, tentando aspirar coragem. Essa minha amiga é forte prá burra! Outra, é que estando muito mais fora do que dentro do cotidiano do grupo, não sei mais identificar as pessoas, podendo ser difícil comungar com elas. Mas... Burra que geme, carga não teme.

Por último, é que é dia de matar o boi, e nesta feita, Burra alguma está assim, totalmente alegre. Já se sabe: tem que correr de Burra quando foge.

Alice está na festa, Morena este ano não e tenho saudades do nosso tempo tão juntas. Tem outra senhora menina de 09 anos aqui comigo. Provoco-a a encontrar o Boi, fugitivo. Esperta, vê Ana Maria e Sofia passando com as folhagens e identifica: só pode ser para o Boi. Ela, Clara e Jorge seguem as mulheres às escondidas. Eu estou olhando de longe, porque em festa assim, não é bom tirar o olho de criança. Dito e feito, descobrem o esconderijo do Boizão, a Dona da Casa é sempre generosa. Admiram o bordado, o silêncio, as ervas e o sagrado. Eu chego e aviso: é dia da Morte. Ela responde com desdém: "Ah, a morte de um Boneco, mãe, por favor". Eu fechei os olhos e o tempo voltou de novo. Conheço essa frase, já tive outra filha nessa idade em algum tempo nesta vida. Como quem não quer nada, abro o olho, lanço a resposta: "Mas você sabe que o chifre dele é de um Boi de verdade, né?". Pronto. Alice olhou o Boi de frente, desta feita mais atenta. É um calafrio conhecido essa consciência entre a maravilha e o terror.

A Burrinha começa contente, vai brincar, vai dançar, vai trabalhar. Balança as cadeiras, faceira. A primeira cena incrível me faz chorar. Por cima do seu pescoço, entre as suas orelhas, vejo mãozinhas de todas as crianças da festa. Por onde ela passa os olhos infantis brilham de encanto, as mãos se estendem para tocar. "Tão linda, da Burra ninguém tem medo. Gosta de beijos, abraços e afagos das crianças, e assim, é feliz", escrevi em outra feita. Ela estava mesmo bonita de saia nova e fitas brilhantes. Ganhou um colar de anéis coloridos da minha filha mais nova, ficou chique. No meio da festa, até um pirulito foi parar na sua boca. "Prá você, Burrinha", disse uma menina que de tão pequena, nem deveria falar. Encontrei Iara

aniversariante e de presente, montou a Burra e dançou entre os grandes. Ela cabia direitinho dentro das ancas e adorou ficar lá escondida, dançando a bombordo. Ganhou um anel do colar do pescoço e fez jeito de ter recebido o maior tesouro do mundo.

Até aqui, gargalhadas mil. A Burra tem autonomia, empurra e abre passagem, ninguém acha ruim, é a Burrinha! Ela me ensina que brincar, estar entre as crianças, e ser festiva é a melhor coisa da vida. Chega outra Burrinha. É linda e especial. E a montadora, vaqueira das boas! Quanta alegria junta!

Mas na trincheira que se forma para buscar o Boi a energia mudou. Burrinha não é mais alegre. Buscar o Boi para a morte é uma chave de enlouquecer a Burra e o montador. Ela não obedece nunca, e agora, menos ainda. Começa um galope feroz, correndo e revirando, sem fim nem começo. Aquela faceirice toda dá lugar a uma coisa implicante, não quer nem mais brincar com ninguém. Acha ruim com fotógrafos, as crianças sumiram das vistas e a Burra rodopia forte. Birrenta, azeda, teimosa, obstinada. Não lembro da Burrinha assim, braba. O Boi vem, o Miolo é o filho da amiga da "velha guarda", tão bonito, parecia com a minha mais velha. A Burra galopa em roda dele e nem brinca mais com ninguém. Quer proteger o Boi do laço.

Alice veste a Burra de novo. Tem paralisias. Pergunto o que foi. Ela diz do medo do Boi bravo, com chifres de boi de verdade. O Amo laça a burrinha e Alice vai com ela. Depois me entrega de novo. Boi e Burra rodam juntos. São os dois bichos da brincadeira, na condição animal. Mas são de encantaria de outro mundo, porque dançam entre os filhos de boa vontade. Hoje o Boi morre. Na Burrinha, raiva e força. Parece um pesadelo nesta sequencia: a chegada do Mourão, o Amo com a corda malvada, o laço da madrinha, a luta do boi, o cheiro de mato. Tudo isso dura muito tempo. Tião e a maestria em produzir imagens maravilhosas. Eu busco o olhar dos amigos. Caboclos, índias e vaqueiros imersos cada um no seu cada qual. No meio dos músicos, a zoada é enorme, o ribombo é de horror. As mãos se estouram nos tambores. É assim a morte. A gente briga, mas ela chega. O Boi tem um jeito de lutar-resignar-lutar que deus é maior. A Burrinha desespera quando o vê amarrado e rendido. É tudo rápido, a faca e o sangue. Alice irrompe em lágrimas.

A morte nunca é fácil para ninguém.

Só depois partem o Mourão, distribuem o bebido, corações confortados,

transmuta-se o sofrimento. Rito.

Fim da noite, sentadas em frente à sedinha do Grupo, somos 5 mulheres da “velha guarda”. Um momento de muita paz, depois de concluídos os trabalhos. Assim sossegadas, vemos todo o movimento dos passantes, rimos amenidades, falamos das crianças, quem vai e quem não vai no tambor na casa tal. Os Guarani estavam por ali, cantando bonito.

Olhei para a Burrinha. Assim parada, voltou a ter aquele olhar meigo, mas eu desconfieei um pouco. Empresto de Guimarães Rosa: “Era seu complemento: juntos centaurizavam gloriosamente”. A Burrinha é o que me fica, é meu tudo. Agora acalma. Brincou, dançou, correu e rodopiou. Explicou Guimarães Rosa “que também, burra que se preza não corre desembestada, como um qualquer cavalo, a não ser na vez de justa pressa, a serviço do rei ou em caso de sete razões”. Burrinha sempre apresenta novas facetas. Os personagens podem se prestar a isso. Continua sendo minha melhor professora. Meiga Coluna do Meio. Descansa, minha Burra Velha.